

## RITUAL ENTRE OS LACEDEMÔNIOS: HYAKINTHIAS - UM ESTUDO DE CASO

PROF. LUIS FILIPE BANTIM DE ASSUMPÇÃO (NEA/UERJ)\*

No decorrer do período Clássico (séculos V e IV a.C.) foi construída uma imagem de Esparta pautada em suas ações de cunho militar. Essa imagem que se idealizou dos lacedemônios estava diretamente atrelada às documentações da Antiguidade que nos chegaram, tais como a “*História*” de Heródoto, a “*História da Guerra do Peloponeso*” de Tucídides, e a “*Constituição dos Lacedemônios*” da autoria de Xenofonte.

Esses três autores Clássicos, quando se remetem aos espartanos apontam que suas ações, sejam de cunho político, social ou militar estavam vinculadas as suas leis e tradições. Heródoto afirma que quando ocorreu a batalha de Salamina, entre helenos e persas, os lacedemônios não teriam atendido ao chamado, devido à realização da festividade religiosa das Hyakinthias (Υάκινθον), pois “[...] atribuíam a maior importância ao cumprimento dos deveres religiosos [...]” (HERÓDOTO, IX, 7). Já em Tucídides observamos que em todos os momentos em que os espartanos necessitavam realizar uma trégua efetuavam-na de acordo com suas principais celebrações religiosas<sup>1</sup>. Xenofonte, por sua vez, declara que os cidadãos de Esparta somente conseguiram a prosperidade devido à obediência as leis de Licurgo<sup>2</sup> (XENOFONTE, I, 2).

---

\* Prof. Luis Filipe Bantim de Assumpção é membro do Núcleo de Estudos da Antiguidade. O referido pesquisador é orientado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Regina Candido (PPGHC/UFRJ-PPGH/UERJ) e faz parte da linha de pesquisa no CNPq: Discursos, Narrativas e Representação. E-mail: lbantim@yahoo.com.br

<sup>1</sup> Utilizaremos como exemplo o momento no qual os atenienses e os lacedemônios, após a batalha de Anfípolis decidiram estabelecer uma trégua na qual a aliança seria “[...] renovada anualmente, indo os lacedemônios a Atenas durante as Dionísias e os atenienses à Lacedemônia durante as Hyacínthias [...]” (TUCÍDIDES, V, 23); e o fato de quando os lacedemônios e os argivos fizeram um acordo de paz, e caso o povo de Argos concordasse com as considerações dos espartanos “[...] deveriam vir ao festival das Hyakinthias para trocarem juramentos [...]” (TUCÍDIDES, V, 41).

<sup>2</sup> Nas palavras de Heródoto, Licurgo teria sido um espartano notável que foi consultar a sacerdotisa de Delfos quanto a melhor maneira de equilibrar sua sociedade. Nesse contexto, e através das ordens da divindade, a Pítia delineou toda a organização política que Licurgo deveria instituir. Com isso, Licurgo teria se tornado um legislador mítico entre os espartanos (HERÓDOTO, I, 65).

Notamos através do discurso desses autores que entre os lacedemônios, assim como com todos os helenos, as esferas política, social, econômica, militar e religiosa estavam diretamente vinculadas, e era praticamente impossível percebê-las de maneira separada. O classicista Mario Vegetti endossa nosso ponto de vista ao declarar que a religião entre os helenos era uma experiência difusa presente em todos os atos da existência (VEGETTI, 1994: 232). Todavia, desenvolvemos esse breve apontamento com o intuito de romper com a imagem que se construiu de Esparta como uma sociedade estritamente belicosa, sem grandes interesses por outras práticas que não o fosse à guerra<sup>3</sup>.

Mediante essa intenção, pretendemos analisar um dos rituais religiosos espartanos e a maneira como este se desenvolvia, legitimando práticas sociais e agregando os membros dessa pólis, a festividade em honra de Apollo Hyakinthios (Ἀπόλλωνος Ὑάκινθου).

Os autores clássicos que mencionamos se referem à festividade das Hyakinthias, no entanto, não descrevem a maneira como esta acontecia, assim como não relatam nenhum dos elementos que compunham a estrutura desse ritual espartano. Devido a essa ausência de informações, acabamos nos deparando com um problema metodológico, a saber: abordar uma festividade religiosa no século V a.C., com um texto clássico proveniente do século II d.C. A documentação a que nos referimos é a obra “*Descrição da Grécia*” de Pausânias, pois tal documento da Antiguidade foi aquele que melhor descreveu a festividade das Hyakinthias, embora o faça no século II d.C. Todavia, com a intenção de complementarmos as informações provenientes do discurso deste último, no que concerne as etapas e aos elementos que constituíam as formas de banquete<sup>4</sup> desta celebração utilizaremos outro documento “*Deipnosophistae*” da autoria de Athenaios.

---

<sup>3</sup> Possivelmente, essa construção foi efetuada tendo Esparta como sociedade antagonista a Atenas, que se empenhava em desenvolver a arte, a música, a poesia, a filosofia, o comércio. Autores como Claude Mossé (*O Cidadão na Grécia Antiga*), Moses Finley (*Economia e Sociedade na Grécia Antiga*) e Peter Jones (*O Mundo de Atenas*) construíram uma imagem de Esparta como uma pólis “antagônica” a Atenas, devido suas práticas e costumes. Devemos salientar também que os enfoques destes autores partem geralmente de uma perspectiva política ou econômica (no caso de Mossé e Finley), ou se detém a analisar as interações culturais somente dos atenienses.

<sup>4</sup> A helenista Pauline Schmitt Pantel aborda que o banquete entre os helenos se inseria em uma prática ritual, pois se realizava em meio a grupo social, capaz de ampliar e estreitar os laços de reciprocidade

O historiador italiano Carlo Ginzburg, se valendo dos estudos de Natalie Zemon Davis, expõe que ao relacionar as diferentes documentações, o historiador amplia seu horizonte de conhecimento, tornando-se capaz de conjecturar novas possibilidades de análises históricas (DAVIS Apud. GINZBURG, 1989: 181). Através dos apontamentos de Ginzburg elaborados a partir do trabalho da estudiosa Natalie Davis, relacionamos as diferentes documentações que abordam a temática das Hyakinthias, tendo em vista preencher as lacunas históricas relativas às informações presentes nos textos da Antiguidade, contudo, nos atentando a evitar os possíveis anacronismos históricos.

Devido à escassez de documentações provenientes do período Clássico que caracterizassem a prática das Hyakinthias nos deparamos com um problema de caráter metodológico, como afirmamos anteriormente, que seria o de analisar uma festividade no século V a.C., através de textos dos séculos II e III d.C. A pesquisadora inglesa Catherine Bell declara que dentro das práticas rituais haveria um “*tradicionalismo*”, que segundo a autora seria um poderoso mecanismo de legitimação social (BELL, 1997: 145). Bell ainda afirma que esse “*tradicionalismo*” só poderia ser mantido através da perfeita repetição de elementos de um período antigo (BELL, 1997: 145). Todavia, outra vertente historiográfica aponta que os rituais não seriam representações imutáveis de práticas antigas, como afirmou Catherine Bell. Ao pesquisar a religião e as práticas da magia na Atenas Clássica, a especialista Maria Regina Candido esclarece que no século IV a.C. a religião oficial da *pólis* dos atenienses, ainda alimentava uma identidade cultural. No entanto, a religião ateniense devido às modificações político-sociais que vinha sofrendo no decorrer do V e do IV séculos a.C., foi incapaz de padronizar atitudes, significados e comportamentos entre os cidadãos, devido às modificações político-sociais sofridas por esta sociedade (CANDIDO, 2008: 47).

Por sua vez, as afirmações da antropóloga e socióloga Martine Segalen são capazes de endossar o ponto de vista da Prof.<sup>a</sup> Candido. Segalen pontua que “o rito é caracterizado por uma configuração espaço temporal específica [...]” (SEGALEN, 2000: 23), o que lhe permitia se adaptar de acordo com as modificações de cunho espaço

---

entre os membros de uma mesma comunidade. Todavia, o banquete, enquanto ritual, se efetuava a princípio entre os membros da aristocracia, e com o passar do tempo se abriu para outros grupos dentro da sociedade helênica (PANTEL, 1985: passim).

temporal, tendo em vista os interesses dos grupos que o praticavam. Com isso, iremos nos valer dos apontamentos de Maria Regina Candido e Matine Segalen, que nos permitirão analisar a festividade das Hyakinthias através das modificações e permanências que a mesma sofreu do século V a.C. ao século III d.C., e que se encontram presentes nos indícios da documentação textual.

Pausânias na obra “*Descrição da Grécia*”, ao desenvolver seus livros frisou os aspectos culturais, sociais e políticos de diversas *póleis* helênicas. No livro III, por exemplo, o autor relata a forma como o território da Lacônia se constituiu enquanto unidade político-social. Pausânias narra brevemente o reinado de Lelex - o primeiro rei da Lacônia; subseqüentemente, Pausânias menciona a maneira como foi instituída a dupla realza entre os lacedemônios, e pontua a existência de alguns templos e territórios sagrados entre os espartanos. O autor também ressalta à formação da Lacedemônia e de Esparta sob o reinado de Lacedaemon, genro de Lelex; o viajante grego expõe através da narrativa mítica a retomada do trono de Esparta por parte de Tyndareus com a ajuda de Hérakles; e a linhagem de Menelau, rei espartano na obra de Homero, até Tisamenos; posteriormente, o regresso dos dóricos é trazido a tona como o retorno dos heráclidas ao Peloponeso.

Por sua vez, Athenaios elaborou um cenário no qual figuras históricas, sejam elas poetas, políticos e filósofos, manifestam as suas opiniões em um banquete. Esta obra aponta alguns dos componentes que constituíam as refeições de alguns territórios, entre eles o banquete vinculado ao ritual das Hyakinthias em Esparta. Ao estudarmos os escritos de Athenaios levantamos a hipótese de que o autor tenha tido acesso a documentações textuais que não subsistiram até os dias atuais. Levantamos essa possibilidade devido ao fato de Athenaios, no decorrer de seu texto, fazer inferência a intelectuais da Antiguidade Clássica e Tardia. Entretanto, nenhum outro vestígio desses personagens e de suas obras chegaram ao nosso tempo.

A celebração das Hyakinthias parece ter se desenvolvido em torno da narrativa mítica do amor entre o deus Apollo (Ἀπόλλων) e o jovem príncipe espartano Hyakinthos<sup>5</sup> (Υάκινθος). Nas palavras de Pausânias, Hyakinthos era o filho mais novo

---

<sup>5</sup> Geralmente, os tradutores quando transliteram o nome de Hyakinthos para o português, este herói espartano torna-se Jacinto.

de Amyclas – rei de Esparta, filho de Lacedaemon - (Αμύκλας), e foi considerado o jovem mais bonito de seu tempo (PAUSANIAS, III, 1). Pausânias menciona que devido à manifestação do “*vento oeste*” – Zephyro – Apollo acidentalmente teria matado Hyakinthos<sup>6</sup> (PAUSANIAS, III, 19. 5). O Prof. Michael Pettersson relata que em Eurípidés, na tragédia “*Helena*”, Apollo teria matado Hyakinthos, não de maneira proposital, enquanto ambos lançavam discos, e após a morte do jovem príncipe o deus ordenou que houvesse uma comemoração/celebração pela morte de seu amado<sup>7</sup> (PETTERSSON, 1992: 30).

Ao fazermos uso da narrativa mítica para endossar nossos pontos de vista, julgamos necessário ressaltar o significado e o valor do mito. Para isso utilizamos a afirmação da Prof.<sup>a</sup> Maria Regina Candido ao dialogar com os pensamentos de Jean-Pierre Vernant, que diz:

[...] [o mito é] um relato vindo de épocas passadas e nesse sentido, o relato mítico não resulta da intervenção individual e nem da fantasia criadora, mas da transmissão de valores e da memória de uma sociedade (CANDIDO, 2007: 17).

Logo, podemos observar que a narrativa mítica está diretamente vinculada à tradição e aos costumes de uma determinada sociedade, e a mesma pretende transmitir tudo aquilo que os indivíduos necessitam para poderem se desenvolver enquanto cidadãos, promovendo assim a construção de uma identidade social (LESSA, 2004: 97).

---

<sup>6</sup> Ainda que Pausânias tenha sido sucinto em suas palavras, existe um número significativo de autores da Antiguidade que ampliam essa narrativa acerca do amor de Apollo e Hyakinthos, e a participação de Zephyro. Como argumentou o estudioso da religião grega e latina, Pierre Grimal, Zephyro teria sido o infeliz rival de Apollo quanto ao amor de Hyakinthos. Devido ao seu ciúme, o “*vento oeste*” teria desviado o disco lançado por Apollo que veio acertar a cabeça do belo príncipe de Esparta. Segundo Grimal, esta narrativa quanto ao amor de Apollo, Hyakinthos e Zephyro se encontra na obra de Luciano (Lucian), poeta satírico grego do século II d.C., intitulada “*Diálogo dos Deuses*” (GRIMAL, 1997: 257).

<sup>7</sup> Nikos Vrissimtzis em seu estudo sobre a pederastia entre os helenos atesta que poderiam existir duas formas de amor entre os seres, a saber: *Eros* e *Ágape*. O *Eros* seria a força que movimentaria todas as coisas, e não se refere somente aos homens. Enquanto que *Ágape* tem a conotação de amor fraterno, no qual não haveria o desejo sexual (VRISSIMTZIS, 2002: 22-23). No que tange a relação de Apollo e Hyakinthos acreditamos que a mesma poderia ser entendida como uma destas relações de *Eros* ou *Ágape*.

Mediante os pensamentos do Prof. Junito de Souza Brandão, somos capazes de reforçar os apontamentos da Prof.<sup>a</sup> Candido e ampliar nossas perspectivas quanto à relação existente entre o ritual e a narrativa mítica. Na visão de Brandão, o ritual era a ação que ligava o homem com o divino e “[...] através do rito, o homem se incorpora ao mito, beneficiando-se de todas as forças e energias que jorraram nas origens” (BRANDÃO, 1986: 39). Brandão ainda nos aponta que, nos dizeres de Georges Gusdorf, o rito possui o poder de suscitar ou reafirmar a narrativa mítica (BRANDÃO, 1986: 39).

No que tange a celebração das Hyakinthias percebemos que através do rito, o mito era renovado, e o mesmo servia para integrar os membros da pólis dos lacedemônios em uma ocasião na qual os limites sociais eram aparentemente rompidos (PETTERSSON, 1992: 16-17). O helenista Fábio de Souza Lessa acaba por complementar o argumento de Pettersson ao declarar, a partir dos estudos de Jenifer Neils, que os rituais não somente são ocasiões reservadas para honrar as divindades, mas era também um momento em que a ordem temporária da vida era suspensa (NEILS Apud. LESSA, 2004: 99).

Vamos nos valer para os estudos da Antiguidade do arcabouço teórico do antropólogo Roberto Da Matta, adaptando-os para nossa pesquisa. Da Matta, ao realizar um estudo tendo a festividade do Carnaval como uma prática ritual, esclarece que estas festividades/celebrações têm a capacidade de descentralizar a vida formal e a ordem social apenas durante o período em que ocorrem (DA MATTA, 1997: 48). Entretanto, Da Matta afirma que estes rituais atualizam as estruturas de autoridade de um determinado grupo social, basta termos em mente suas proibições e liberações que nunca são completas e duram um período determinado (DA MATTA, 1997: passim).

Após termos apresentado o significado da narrativa mítica, afirmarmos que a celebração das Hyakinthias girava em torno do mito de Apollo e Hyakinthos, ao qual julgamos necessário esclarecer o significado do conceito de ritual e sua aplicação dentro de nossa proposta, vinculada a nossa temática.

Como já afirmamos mediante as colocações de diversos especialistas, o mito e o ritual estão diretamente relacionados. Entretanto, o conceito de ritual é demasiadamente amplo para que possamos utilizá-lo sem prévia explicação.

O classicista Ian Morris declara que os rituais são ocasiões nas quais as pessoas utilizam símbolos para que se possa criar uma estrutura social explícita, e com isso possam interpretar o significado da vida, ou seja, “[os rituais] são estruturas sociais, tidas como um conjunto internalizado, mas com regras e papéis constantemente renegociados, é um artefato deste conhecimento” (MORRIS, 1996: 1-9).

Catherine Bell, especialista em estudos sobre religião e rituais, expõe parte dos resultados da pesquisa de Alfred Reginald Radcliffe-Brown, no qual o autor enfatiza o valor social do ritual para a obtenção de uma unidade do grupo (BELL, 1997: 27). Embora Radcliffe-Brown tenha defendido que o ritual era a ação que determinava a crença [no mito], o mesmo reconheceu que sua visão se baseava em uma perspectiva de “*causa e efeito*”, e que essa deturpava a observação de como os ritos e as crenças fazem parte de um todo coerente (BELL, 1997: 27).

O Prof. Fábio de Souza Lessa, ao desenvolver um estudo sobre algumas das festividades oficiais entre os atenienses, expõe que o ritual era um aspecto que não poderia ser observado fora do ambiente festivo. Segundo esse autor, os rituais consistiam em “[...] um conjunto organizado de práticas verbais e gestuais que expressam o olhar e as preocupações dominantes de uma sociedade” (LESSA, 2004: 102). O Prof. Carlos Eduardo da Costa Campos, ao se valer das idéias desenvolvidas por Bronislaw Baczko, afirmou que existe uma relação direta entre mito e o imaginário social. Nos dizeres de Campos, os atores políticos se valem das narrativas míticas para promover a coesão social. Com isso, podemos observar que essas festividades englobavam toda uma comunidade seria um mecanismo para reforçar a ordem vigente, juntamente com as diferenças existentes na sociedade, dentro do imaginário social de um grupo (CAMPOS: 2011). Logo, fica perceptível que a cíclica repetição dessas práticas rituais reforçava e legitimava práticas de um grupo social hegemônico dentro de uma sociedade.

Para podermos definir o conceito de ritual optamos por nos valer da explicação do Prof. Junito Brandão que atesta “[...] A ação ritual realiza no imediato uma transcendência vivida. O rito toma, nesse caso, ‘o sentido de uma ação essencial e primordial através da referência que se estabelece do profano ao sagrado’” (BRANDÃO, 1986: 39).

Comprendemos o ritual como uma ação que insere o homem na esfera divina, fazendo com que o mesmo mantenha relações diretas com o sagrado e, a partir desta ação, o mesmo consiga estabilizar as “forças” que se vinculam em torno do plano divino e equilibram a realidade social. Mediante a celebração do rito a sociedade reafirmava seus laços de integração e seus valores tradicionais.

Devido ao fato de existirem poucos estudos sobre os rituais religiosos espartanos, tomaremos como base historiográfica o livro de Michael Pettersson, intitulado *Cults of Apollo at Sparta*. Feitos os devidos esclarecimentos, passaremos agora para a descrição do ritual das Hyakinthias, e sua importância para a pólis dos lacedemônios.

Athenaios ao se referir a Polykrates (4. 139 c), afirma que a celebração das Hyakinthias duravam três dias. Durante esse período de comemorações a festividade se dividia em dois momentos distintos: um voltado para honras fúnebres e outro a comemoração festiva. Devido à morte de Hyakinthos, prossegue Polykrates, era expressamente proibido usar coroas de flores, cantar o peã<sup>8</sup> e se alimentar com pães e bolos (PETTERSSON, 1992: 10). Pausânias complementa essa idéia ao mencionar que o túmulo de Hyakinthos se encontrava abaixo da imagem de Apolo, no santuário situado em Amyclae (PAUSANIAS, III, 1. 3), no qual “[...] nas Hyakinthias, antes do sacrifício para Apolo, devotavam [um sacrifício] a Hyakinthos como a um herói situado através da porta de bronze, a esquerda do altar [de Apolo]” (PAUSANIAS, III, 19. 3). Essas proibições estariam vinculadas ao luto em honra de Hyakinthos, e com a primeira etapa da celebração das Hyakinthias.

---

<sup>8</sup> Canto/Coro associado à renovação do tempo. Segundo Arthur Fairbanks entoar esse cântico ampliava o contato com a divindade e possibilitava que a realidade fosse alterada, saindo de um momento de luto para outro relacionado à vitória sobre os instantes de crise (FAIRBANKS, 1900: passim).



Esse sacrifício em honra de Hyakinthos foi caracterizado por Pausânias através do *enagismós* (εναγισμός) (PAUSANIAS, III, 19. 3). Michael Pettersson nos esclarece que durante esse sacrifício uma figura representando as forças ctônicas<sup>9</sup> era sacrificada no altar do templo de Apolo, em Amyclae (PETTERSSON, 1992: 10). Nos dizeres do historiador David Halperin o *enagismós* era um tipo específico de sacrifício em honra de um herói, que nesse caso era o jovem filho de Amyclas (HALPERIN, 1990: 117).

Athenaios, no transcorrer de sua exposição aponta que um único animal era sacrificado nas Hyakinthias, que seria a cabra, cuja carne era dividida entre todos os participantes em quantidades iguais, legitimando a aparente unidade social (PETTERSSON, 1992:15). Logo, levantamos a possibilidade de que o sacrifício do *enagismós* era efetuado com uma cabra, cujo rito se aproximava das prerrogativas dos seres ctônicos.

Como já nos descreveu Polykrates, esta etapa da festividade estava vinculada as honras pela morte de Hyakinthos, e com isso havia proibições. Segundo o classicista Michael Pettersson a proibição quanto ao uso de coroas consistia no fato da mesma simbolizar a positividade da presença divina no ritual (PETTERSSON, 1992: 19). O autor exemplifica essa ocasião tendo em vista que os sacerdotes oficiais de um culto e os animais que seriam sacrificados utilizarem guirlandas de flores (PETTERSSON, 1992: 18).



**Fig.1- Hyakinthos montado em um cisne<sup>10</sup> – Lécito do período Clássico. Berlín inv. Nº 30852. (PETTERSSON, 1992: 31)**

<sup>9</sup> O Prof. Carlos Eduardo da Costa Campos afirma que o termo ctônico estaria vinculado a divindades subterrâneas que transportavam e/ou acompanhavam as almas dos indivíduos ao mundo dos mortos (CAMPOS, 2009:34).

<sup>10</sup> Nas palavras de Pettersson o cisne seria um símbolo de Apolo. Contudo, o historiador ressalta que não existem representações de Apolo e Hyakinthos juntos de forma antropomorfizada, pelo menos nos vasos dos períodos Arcaico e Clássico. Pettersson aponta que esta convenção poderia estar relacionada a paradigmas do período Arcaico quanto à representação de amores entre indivíduos do mesmo sexo

Quanto ao cantar o peã, Plutarco nos exemplifica que entre os lacedemônios “[...] após formarem a falange e postar-se à frente do inimigo, o rei imolava uma cabra, ordenava a todos que cingissem uma coroa [...] ao mesmo tempo, entoava o peã de marcha [...]” (PLUTARCO, I, 22). Com isso, percebemos no caso de Esparta, que o peã estaria vinculado, principalmente ao ato de guerrear. O especialista em estudos Clássicos, Arthur Fairbanks desenvolveu um estudo sobre o peã grego, e afirmou que este tipo de canto/coro estava associado ao fim das batalhas, aos casamentos, aos simpósios e a vitórias em jogos, porém, entoar o peã parece ter sido conscientemente evitado em conexão com a morte e o luto (FAIRBANKS, 1900: 60).

No entanto, um aspecto importante dessa festividade (que ressaltamos anteriormente), no qual podemos encontrar fragmentos em Pausânias, é que a mesma consistia de duas etapas distintas de celebração – uma para Hyakinthos e outra para Apollo (PAUSANIAS, III, 19.2-3).

Na primeira parte deste ritual interditos eram impostos, que estavam vinculados a morte do príncipe espartano. Superado este momento de luto com o sacrifício do *enagismós*, o culto adquiria outra conotação, simbolizada pela presença da divindade, o deus Apollo (PETTERSSON, 1992: 25). Estas informações elucidam a relação complementar que havia entre as duas etapas do culto das Hyakinthias, na qual o *enagismós* representaria um limite dentro do culto, e com sua consumação haveria a restauração da ordem divina. Se compararmos o sacrifício efetuado em honra a Apollo, com o que era realizado para o herói Hyakinthos ampliaremos nossa percepção quanto à complementaridade entre as etapas deste ritual.

Ao fazer uma análise detalhada dos estudos de J. Casabona, Michael Pettersson expôs que existiriam duas formas específicas de sacrifícios realizados nas Hyakinthias. A *sphagia* (que provém do verbo σφάζω) era o sacrifício no qual o ato de sangrar a vítima era o mais importante, tendo em vista expiar uma condição que deveria ser superada para que houvesse equilíbrio na relação entre o humano e o divino. Enquanto que o ato sacrificial identificado como *thysia*<sup>11</sup> (θυσία), era a ocasião em que se efetuava

---

(PETTERSSON, 1992: 31-32).

<sup>11</sup> Nas palavras do autor o termo *thysia* substituiu o antigo nome *hiera* ( (PETTERSSON, 1992: 22).

um grande sacrifício para ampliar o vínculo dos participantes das celebrações com a esfera divina<sup>12</sup> (PETTERSSON, 1992: 25). Mediante a isso, identificamos que esta oposição entre estas formas de sacrifício pretendia legitimar a natureza dualista e complementar da festividade das Hyakinthias.

Retomando os apontamentos de Polykrates, o mesmo nos descreve a proibição dos alimentos durante as Hyakinthias. Athenaios ao citar Polykrates afirma que durante o primeiro segmento do culto de Apollo Hyakinthios se efetuava a refeição denominada *kopis*<sup>13</sup> (κοπις). Esta refeição se constituía de: Cabras (para sacrifícios, no qual, suas carnes eram distribuídas por todos os participantes; bolo; bolo adocicado, feito com óleo e mel; queijo fresco; entranhas; “salsicha”; figo seco; feijões secos e feijões verde (PETTERSSON, 1992: 15). Entretanto, este mesmo Polykrates declarou que durante esse período de luto era proibido consumir pães e bolos. Embora estas informações pareçam contraditórias, Michael Pettersson ressaltou que um equívoco poderia ter ocorrido quanto ao momento em que esta refeição acontecia (PETTERSSON, 1992: 16).

O autor do “*Banquete dos Eruditos*” nos fornece informações sobre um sábio chamado Molpis que enumera as refeições da *kopis* como: bolo de cevada ; pão de trigo; carne -de cabra - ; verduras cozidas; caldo ; figos ; frutas secas ; tremoço (PETTERSSON, 1992: 16). Ainda que haja a presença do pão, acreditamos que esse bolo não seria doce. Com isso, observamos que poderiam existir duas *kopis* distintas que se efetuavam nos dois momentos da festividade. Uma dessas *kopis* estaria voltada para o luto pelo infortúnio de Hyakinthos e outra que visava a celebração em honra do filho de Leto (Λητο).

Na segunda etapa desta festividade havia uma modificação na natureza do ritual, no qual, as honras fúnebres e os interditos davam lugar às comemorações com coros

---

<sup>12</sup> Em um estudo realizado pelo Prof. Alair Figueiredo Duarte, o mesmo aponta a existência de uma vertente historiográfica que analisa os sacrifícios da *hiera* e da *sphagia* em um contexto de guerra (DUARTE, 2009: 06). Esta vertente da historiografia, utilizada pelo Prof. Duarte, tem como pesquisadores especialistas em estudos sobre a guerra na Antiguidade, Victor Davis Hanson e J. Jameson.

<sup>13</sup> Ao nos valermos dos estudos de Michael Pettersson, podemos definir a *kopis* como um banquete ritual, ou banquete sagrado, que se realizava nas duas etapas das Hyakinthias (PETTERSSON, 1992: passim).

música e dança em honra do deus Apolo. De acordo com o que apontamos anteriormente, após o sacrifício para Hyakinthos as proibições rituais deixavam de existir. Nos dizeres de Pettersson havia coros de jovens e jovens adultos, que cantavam o peã enquanto tocavam flauta e cítara. Alguns jovens faziam danças no estilo arcaico - *kínesis archaiké* (κίνησις ἀρχαϊκή) - enquanto outros participavam da comemoração montados em cavalos. As jovens mulheres eram carregadas em carruagens/bigas e podiam participar de corridas a cavalo (PETTERSSON, 1992: 10). Endossando nossa perspectiva quanto ao rompimento dos limites sociais<sup>14</sup>, nesse festival poderiam participar estrangeiros e até mesmo escravos<sup>15</sup> (PETTERSSON, 1992: 16).

Os integrantes desta celebração utilizavam coroas de flores e se banquetevam. Esta refeição era a *kopis*, descrita por Polykrates, e se caracterizava pela abundância de alimentos (PETTERSSON, 1992: 17). Contudo, ainda que esse ritual rompesse com os limites sociais impostos pela tradição espartana, existiam duas refeições que se realizavam com o intuito de legitimar o “estilo de vida” dos cidadãos lacedemônios. Estes banquetes eram o *aiklon* (ἄϊκλον) e o *epaiklon* (ἐπάϊκλον).

Através da documentação de Athenaios, Michael Pettersson pontuou que esses dois banquetes supracitados eram servidos durante as *sysstia*<sup>16</sup> (συσσιτια), no qual era permitida a participação somente dos cidadãos lacedemônios, conhecidos como *esparciatas*<sup>17</sup> (Σπαρτιάτας). Pettersson afirma que “[...] estas duas formas de banquete estavam diretamente associadas ao processo de formação do espartano, a agôgé. O individual era adaptado ao grupo, e a solidariedade era expressa entre os iguais através da divisão do alimento [...]” (PETTERSSON, 1992: 16-17). O *aiklon* consistia em uma alimentação frugal e em porções iguais, representando a igualdade dos *esparciatas* e de seu meio de vida. O *epaiklon*, por sua vez, era uma refeição servida aos jovens após o

---

<sup>14</sup> Roberto Da Matta afirma que “o [festejo/festividade é tido como] um momento especial: fora do tempo e do espaço, marcado por ações invertidas; personagens, gestos e roupas características” (DA MATTA, 1997: 29). Contudo, essa natureza inversa e o rompimento dos limites sociais só se mantinham durante o período em que o ritual acontecia (DA MATTA, 1997: 18).

<sup>15</sup> Como sabemos que o termo escravos em Esparta era relativo, acreditamos que esses sejam hilotas.

<sup>16</sup> Grupo de refeições comuns cuja condição para se tornar um membro era ter a plena cidadania espartana (WHITBY, 2002: xvi).

<sup>17</sup> Espartanos com 30 anos completos que detinham plenos poderes políticos e sociais (HODKINSON, 2002: 105-106).

*aiklon*, e era patrocinada pelos homens de recursos que integravam estas refeições comuns (PETTERSSON, 1992: 17).

Os alimentos que compunham estas refeições foram descritos por Athenaios, valendo-se das informações de Molpis. O *aiklon* como ressalta o gramático se constituía de pães e pedaços de carne, e era servido após a *syssítia* (PETTERSSON, 1992: 15). Já o *epaiklon* era uma refeição adicional que se dividia em duas partes, a primeira era servida aos *paides* (παῖδες) e consistia em bolo de cevada misturado com óleo [de azeite], e a segunda era direcionada aos cidadãos e continha bolo de cevada e carnes de animais caçados ou que pertenciam a rebanhos (PETTERSSON, 1992: 17).

<b>FESTIVAL DAS HYAKINTHIAS</b>	
<b>Honras a Hyakinthos</b>	<b>Honras a Apollo</b>
Luto	Festejos
Honras Fúnebres e presença de elementos Ctônicos	Presença da divindade
<i>Enagismós</i> – ritual de sangue ( <i>sphagia</i> ), momento de transição	Vínculo com a esfera do sagrado – <i>thysia</i> , grande sacrifício
Proibição quanto ao uso de coroas de flores e o canto do peã	Uso de coroas – reintegração do grupo social com a divindade; Canto do Peã – símbolo de vitória e comemoração
<i>Kopis</i> ordinária	<i>Kopis</i> , porém com a participação de mulheres, estrangeiros e escravos; <i>Aiklon</i> ; <i>Epaiklon</i> .

Quadro comparativo das duas etapas que constituíam as Hyakinthias

Desta maneira concluimos que as celebrações das Hyakinthias não pretendiam somente inserir os indivíduos no universo do sagrado, ou de fazer com que a narrativa mítica pudesse se reatualizar. Para além desta observação, as festividades das Hyakinthias visavam legitimar as práticas de um segmento social abastado dentro da sociedade espartana. Ao analisarmos a documentação, a mesma deixa transparecer que o ritual se constituía de dois momentos distintos e aparentemente opostos. Entretanto, ao invés de se rejeitarem, ambas as etapas se complementavam.

Na primeira etapa do ritual interdições eram efetuadas em honra a morte de Hyakinthos, no entanto, ao se sacrificar o “*enagismós*” observamos que este herói espartano saía de uma realidade mortal sofrendo uma possível apoteose divina. Com

isso, os interditos terminavam e se abria portas para as comemorações, nas quais mulheres, jovens, estrangeiros e escravos participavam sem que as imposições sociais da tradição dos lacedemônios os impedissem de festejarem em conjunto.

Contudo, essa relação entre os cidadãos e demais segmentos sociais não simbolizava que os valores sociais eram transgredidos. Tendo em vista os estudos de Fábio de Souza Lessa e Roberto Da Matta, estes nos apontaram que essa “*inversão*” da ordem social vigente em uma festividade era temporária, e perdurava somente o tempo em que o ritual acontecia. Essa quebra pode ser entendida como um “[...] *elemento básico da estrutura da autoridade*”, evidenciando a estreita relação entre ritual e poder (DA MATTA, 1997: 31).

Logo, a relação entre ritual e poder se fazia presente nesta festividade, na qual, o poder se permitia transgredir, e no momento oportuno retomava seu lugar e reordenava a sociedade. No caso das Hyakinthias esse restabelecimento da ordem se dava com o banquete denominado *aiklon*, que seria a legitimação dos valores sociais e das práticas virtuosas que o grupo dos *esparciatas* mantinham no âmbito da pólis dos lacedemônios.

## DOCUMENTAÇÃO

ATHENAIOS. *Deipnosophistae*. Apud. PETTERSSON, Michael. *Cults of Apollo at Sparta: The Hyakinthia, the Gymnopaediai de and the Karneia*. Stockholm: Skrifter utgivna av Svenska Institutet i Athen, 8°, 1992;

HERÓDOTO. *História*. Trad.: Mário da Gama Kury. Brasília: Universidade de Brasília, 1988;

TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Trad.: Mário da Gama Kury. Brasília: Universidade de Brasília, 1986;

PAUSANIAS. *Description of Greece*. Books III-V. Trad.: W.H.S. Jones. London: William Heinemann Ltd., 1955;

PLUTARCO. *Vidas Paralelas. Vol. I*. Trad. Gilson C. Cardoso. São Paulo: Paumape, 1991.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELL, Catherine. *Ritual: Perspective and Dimensions*. New York: Oxford University Press, 1997;

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Vol. I. Petrópolis: Vozes, 1986;

CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa. *As Tabellae Defixionum de Sagunto: as Práticas da Magia e as Interações Culturais na Península Ibérica (séculos I e II d.C.)*.

Monografia apresentada para obtenção do título de bacharel em História – UERJ. Rio de Janeiro, 2009;

CANDIDO, Maria Regina. *Medéia, Mito e Magia: a imagem através do tempo*. Rio de Janeiro: NEA/UERJ; Fábrica do Livro, 2007;

\_\_\_\_\_. *Religião, Rito e Magia: a visão da Historiografia*. In: *Revista Brasileira de História das Religiões*. Ano I, número I – Dossiê Identidades Religiosas e História, 2008. pp. 45- 53. ISSN: 1983-2850

DA MATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis – para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997;

DUARTE, Alair Figueiredo. *Hiéra e Sfagia: Rituais de Guerra na Grécia Antiga*. In: *Phília – informativo de História Antiga*. 2009, NEA/UERJ – ISSN: 1519-6917. p.6;

FAIRBANKS, Arthur. *A study of the Greek Paean*. Cornell Studies in Classical Philology, 12. Ithaca, New York, 1990;

GINZBURG, Carlo (et. Alli). *Provas e Possibilidades à margem de “Il ritorno de Martin Guerre”*, de Natalie Zemon Davies. In.: *A Micro-História e Outros Ensaio*. Trad.: Antônio Narino. Lisboa: Difusão Editorial, 1989;

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Lisboa: DIFEL, 1993;

HALPERIN, David M. (Ed.) *Before Sexuality: the construction of erotic experience in the ancient Greek world*. New Jersey: Princeton University Press, 1990;

HODKINSON, Stephen. *Social Order and Conflict of Values in Classical Sparta*. In: WHITBY, Michael. *Sparta*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2002;

LESSA, Fábio de Souza. *O feminino em Atenas*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004;

MORRIS, Ian. *Death-Ritual and social structure in classical antiquity*. Great Britain: Cambridge University Press, 1996;

PANTEL, Pauline Schmitt. *La cite au banquet. Histoire des repas publics dans les cites grecques*. Rome: École Française de Rome, 1992;

PETTERSSON, Michael. *Cults of Apollo at Sparta: The Hyakinthia, the Gymnopaïdiai de and the Karneia*. Stockholm: Skrifter utgivna av Svenska Institutet i Athen, 8º, 1992;

SEGALEN, Martine. *Ritos e Rituais*. Portugal: Publicações Europa-América, 2000;

VEGETTI, Mario. *O Homem e os deuses*. In: VERNANT, Jean-Pierre (org). *O Homem Grego*. Trad.: Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Editorial Presença, 1994;

VRISSIMTZIS, Nikos. *Amor, Sexo e Casamento na Grécia Antiga*. São Paulo: Odysseus, 2002;

WHITBY, Michael. *Sparta*. Edinburgh University Press, 2002.

## REFERÊNCIAS DIGITAIS

CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa. *As reflexões sobre o Imaginário Social*. Revista história e - história. Campinas - SP, UNICAMP, Janeiro, 2011. Acessado em: 28/02/2011 Disponível no site: <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=355>.